

F. Martins Sarmiento

Era meu desejo publicar n-*O Archeologo* um artigo especial a respeito de F. Martins Sarmiento. A grande accumulacão porém de trabalho que tenho tido tem-me impedido de o escrever até hoje, e eu não poderia ainda escrevê-lo tão cedo. A fim de reparar de certo modo a falta, reproduzo aqui o que a pedido da Sociedade Martins Sarmiento dei a lume na *Revista de Guimarães*, no numero que ella consagrou á memoria do finado archeologo.

Sem adoptar todas as ideias que Sarmiento professava a cêrca da nossa ethnologia, não posso deixar de reconhecer os grandes meritos que elle tinha, a sua intelligencia, a sua illustração, o seu amor ás cousas portuguezas, principalmente á archeologia, que elle fez adeantar muito. Infelizmente não deixou um trabalho geral em que condensasse todas as suas investigações archeologicas; apesar de eu tantas vezes, verbalmente e por escrito, o haver incitado a escrever, por exemplo, uma monographia sobre a Citania e Sabroso, dois castros typicos, cuja descripção serviria de modelo ou de ponto de referencia a descripções futuras de outros castros, nunca se resolveu a isso, e preferiu espraiair-se e gastar-se na elaboração de obras theoricas, que embora muito eruditas, não sei se de futuro serão por completo acceites da sciencia. Ninguem, como elle, estava no caso de descrever as ruínas da Citania e de Sabroso, e os objectos lá achados, porque foi elle quem dirigiu e acompanhou as excavações; e bom numero de minudencias interessantes que um estranho não pôde apreciar, e que assim ficaram perdidas, expôr-no-las-hia elle sem nenhuma difficuldade.

Á Sociedade Martins Sarmiento, que tanto a peito, e com tanta razão, tomou a memoria do seu nobre patrono, lembro, se m'o permite, a necessidade de mandar imprimir em volumes não só os artigos archeologicos soltos que Sarmiento inseriu em jornaes e revistas, mas os numerosos apontamentos manuscritos que elle deixou, — devendo tudo isto ser, já se vê, prèviamente revisto, pesado, e, onde convier, annotado.

*
* *

Extractos da correspondência de F. Martins Sarmiento
(1881-1883)

Como mantive em tempo correspondencia aturada com F. Martins Sarmiento, possuo d'elle grande número de cartas.

D'entre ellas escolho, por serem as que tenho mais á mão, as que abrangem o periodo de 1881 a 1883, para d'ahi extractar algumas noticias que dizem respeito á vida scientifica do benemerito archeologo, cujo passamento a cidade de Guimarães, como seu berço, hoje piedosamente mais uma vez commemora.

As minhas relações com Martins Sarmiento datam dos fins de 1879. Foi o meu prezado amigo, e seu primo, o Sr. Conde de Margaride quem me apresentou a elle, por occasião de umas ferias escolares que eu passava em Guimarães. A primeira vez que lhe fallei, estava Mar-

tins Sarmiento á banca, á noite, a trabalhar na primeira edição do seu estudo da *Ora Maritima* de Avieno. A mim prendeu-me immediatamente o modo lhano como me recebeu, tendo elle então já firmados os seus creditos de erudito, e sendo eu nas letras mero principiante. Recordo-me que logo nessa noite fallámos muito. Depois d'isso não me faltou ensejo de estar com elle, porquanto, durante a epocha da minha formatura no Porto, eu ia a Guimarães frequentemente nas ferias. Com Sarmiento realizei algumas excursões archeologicas, pelos arredores da sua cidade natal, á Citania de Briteiros, a Soajo. Comquanto eu a esse tempo andasse na febre da colheita das tradições populares portuguezas, e no comêço dos meus estudos philologicos, já sentia bastante inclinação para a archeologia, á qual, por dever dos meus cargos officiaes, e para a execução do plano dos meus trabalhos, tive posteriormente tambem de consagrar-me: o contacto com Martins Sarmiento não afrouxou, de certo, essa inclinação!

Vêem, pois, os leitores que não é sem saudade que venho reler, para, como disse, as extractar, as cartas, que d'elle possuo, dos primeiros annos das nossas relações.

A par dos seus meritos scientificos, Martins Sarmiento dispunha de meritos litterarios. Escrevia com muita facilidade. As suas cartas, —como em geral todos os seus escritos, mesmo os mais serios—, participam tambem d'essa simplicidade que caracteriza a linguagem familiar e despreocupada. Sarmiento escrevia pouco mais ou menos como fallava. O que nas cartas se torna encanto, não direi comtudo que por vezes nos escritos graves não destoe um pouco da natureza do assumpto. Antes de ser archeologo e erudito, Martins Sarmiento foi litterato. Na mocidade escreveu versos e folhetins. Assim em parte se explica que no periodo em que as investigações archeologicas o absorviam, a feição litteraria não desamparasse o investigador. Por isso os extractos que offereço ao público, além dos factos que encerram para o conhecimento da vida scientifica de Martins Sarmiento, proporcionarão aos leitores algum agrado, devido á amenidade da linguagem.

Claro está que deixo de parte tudo o que não contiver interesse immediato.—Omitto muitas cartas.

1. De janeiro ou fevereiro de 1880 (Guimarães)

Protecção official á archeologia — A Porca de Murça — *Ars longa*

«Olhe que eu tenho bem presente que em Ancora, onde estou, encontrei, mesmo pelos labregos, mais amor e interesse por estas coisas,

do que nunca pude imaginar. Se os nossos miseráveis governos dessem alguma importancia ás antiguidades e obrigassem os seus administradores e regedores (bastava isto) a fazer comprehender ao Zé Povo que ás antiguidades tinham uma importancia real e verdadeira, juro, e até aposto, que o vandalismo que vai acabando com o que póde, cessaria.

Ha dias me contaram uma [cousa]¹ curiosa a respeito da «Porca de Murça²». O animal mostra ainda restos de uma pintura vermelha. Ah! bom! conta a tradição que em certos casos-crimes a mudança da côr da Porca dava signal da innocencia ou da criminalidade do reu. De que tempos deve provir esta tradição, e que figura importantissima não fez a bicha nos seus bons tempos!

A vinha é enormemente longa, mas os trabalhadores poucos e a falta d'um órgão que vulgarizasse o que se vae descobrindo, mais que sensível »³.

2. De 23 de fevereiro de 1880 (Guimarães)

Ethnographia comparada — Antighalhas dos arredores do Porto — Riquezas archeologicas

«Quem folheia o Cameron e o Stanley encontra coisas verdadeiramente surprehenderes. Não sómente os circulos concentricos, mas motivos ornamentaes⁴, que passam por caracteriscos da idade de bronze. Lá como a coisa se explica é de certo trabalho para os Oedippos do futuro, porque por emquanto o que sabemos e nada é tudo um.

Pelas immedições do Porto não devem faltar estações antigas. Perto da Senhora da Luz (Foz) disse-me o Carlos Ribeiro que um geologo, não me lembra o nome⁵, recolheu uns poucos de *celts* de pedra polida. Na foz do Leça, n'um sitio chamado Castello, proximo da

¹ [Ponho entre colchetes o que supponho que, por lapso, falta no texto].

² [Figura de pedra, da epocha pre-romana, existente em Murça. Como esta ha outras no Norte de Portugal e em Hespanha].

³ [Os desejos de Sarmento foram depois preenchidos com a publicação da *Revista Archeologica* (que porém já acabou) e d-*O Archeologo Português* (que vive ainda, e espero que continuará a viver), embora Sarmento não collaborasse já-mais naquella, e só uma vez neste].

⁴ [Com a expressão *circulos concentricos*, Sarmento tinha na mente certas insculpturas que se encontram nas lages (nos castros, etc.): cfr. o artigo que elle escreveu in *Renascença*, p. 25. Por *motivos ornamentaes* entendam-se os dos objectos archeologicos].

⁵ [Creio que este geologo será Frederico de Vasconcellos, que publicou um artigo «Sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro, présence de l'homme, etc.» in *Compte Rendu* do congresso de Lisboa em 1880, p. 155, sqq.].

ponte de Guifões, já eu fiz uma pequena escavação, que não pôde ir longe, pelo muito basto do pinhal que cobre o outeiro¹.

Uma estatística das nossas ruínas sommaria uma conta fabulosa, e isso só se fará pelo esforço individual, porque de resto, nada.

Eu, logo que venha o bom tempo, pégo no meu pau de *touriste* e marcho á cata de coisas velhas».

3. De 3 de junho de 1880 (Guimarães)

Estatuas lusitanicas de pedra

«Na Citania não appareceu mais que uma estatua e um baixo relevo². A estatua appareceu sem cabeça, mas vê-se claramente que em resultado d'uma mutilação. Em Santa Iria sim; uma cabeça que lá appareceu é avulsa; e penso que com as celebres «estatuas callaicas», com algumas, succedia o mesmo. A que possuo, como sabe, não tem cabeça; a de Vianna provavelmente não foi descabeçada por quem a fabricou, mas já antes a havia perdido³. Em Basto, precisamente na figura que representa «o Basto», fui encontrar outra estatua callaica, pintarolada e falsificada tambem, e, porque a cabeça não tem nada a vêr com o busto primitivo e foi ajustada como pôde ser ao tronco, entendendo que não salvou a sua cabeça gallega, mas que a perderu ha muitos seculos⁴. Mesmo a cabeça d'um dos porcos ou javalis de Sabroso era avulsa⁵».

4. De 18 de junho de 1880 (Guimarães)

Insculpturas antigas feitas em lages

«O numero d'estas figuras parece arbitrario, e a gente fica desorientado. Se n'estas gravuras não se respeita nem no numero d'ellas, nem na disposição, uma tradição vigorosa, estamos perdidos; é querer

¹ [Á cêrca do castello de Guifões vid. *O Archeologo Português*, iv, p. 270, onde me refiro tambem a Sarmento. Adeante, noutras cartas, veremos mais referencias a estas ruínas].

² [De ambos se publicaram gravuras in *Renascença*, p. 45-46. Do baixo-relevo já falla o contador d'Argote].


³ [D'esta estatua se tem fallado muito na imprensa: cfr. *O Archeologo Português*, ii, p. 32].


⁴ [Certas figuras antigas que existem em algumas terras são consideradas como symbolos eponymos d'estas terras: ex. em Guimarães, Braga, Lamego. A estatua lusitânica de Basto pertence, segundo vemos, á mesma categoria. É um resto (pagão) dos antigos genios tutelares das cidades. Os padroeiros representam a christianização dos mesmos genios].


⁵ [Vid. o n.º 2 d'estes extractos].


fazer historia com textos falsificados. Os circulos mais vulgares na Citania são:




Apparecem isoladamente, e ás vezes em grupo. Como lhe disse, só n'uma lage ha 18 , na Citania e Sabroso.

 em Sabroso, onde tambem n'uma lage se encontra (pouco mais ou menos):

 São vulgares tambem os grupos do que os archeologos francezes chamam *coupules*, outros *fossettes*. São pequenas cavidades, ás 3, 8, 10, 15, etc., com numero certo.

 Quanto á orientação dos circulos, na Citania, como lhe disse, causou-me especie vêl-os só para o lado do nascente, no arco de nordeste a sul. Não pude tirar d'aqui consequencia nenhuma, porque em Sabroso encontrei-os um pouco para noroeste.

Em summa: ha ainda hoje poucos materiaes para se poder assentar alguma coisa a este respeito; mas estas gravuras são muito importantes e recommendo-as á sua attenção, quando examinar alguma ruina. Além dos circulos e das covinhas ha mais. A espiral appareceu em Sabroso e na Citania:  ».

5. De 20 de agosto de 1880 (Guimarães)

Mamunhas e dolmens do Alto-Minho — Visita dos congressistas á Citania — Castros — Desanimos

«Em Ancora descobri umas poucas de mamunhas mais¹; explorei algumas, mas os achados reduziram-se a muitissimo pouco, porque estava tudo revolido pelos afuroadores dos thesouros. Fui tambem vêr umas 6 mamunhas, que me denunciaram em Villa Chã (margem esquerda do Neiva). Nas ruinas d'esse dolmen a escavação deu-me umas onze lindas pontas de setta, uma faca, um punhal (?), tudo de pedra, e uma urna quasi inteira. Depois annunciaram-me o apparecimento de novas mamunhas (termo popular n'aquella localidade), e algumas muito curiosas, segundo parece.

Não pude ir vêl-as; porque me pareceu que não tinha tempo a perder para me ir chegando até á Citania e preparar a minha «exposição», na supposição de que os sabichões do congresso a irão visitar. Li hontem n'um jornal que a coisa ainda era duvidosa. Se a visita á

¹ [Mamunhas são os monticulos de terra (*tumuli*) que envolvem as sepulturas prehistoricas: vid. as minhas *Religiões da Lusitania*, I, p. 249, sqq.].

Citania foi rebate falso, dou cavaco, porque tinha grandes esperanças nas explorações do Neiva, a que me entregaria.

Além das mamunhas, de que fallei, vi dois novos montes fortificados, um ainda no valle de Ancora, outro proximo a Ancora, e noticias d'outras antiguidades não me faltaram tambem.

Infelizmente o tempo foge depressa, e trabalha-se não sei para que e para quem».

6. De 28 de agosto de 1880 (Briteiros)

Ainda os congressistas — O castro de Guifões

«Estou ás voltas com a Citania e com os preparativos para receber os sabichões, porque parece fóra de duvida que os verei na minha montanha. Os deuses os tragam, se hão de adiantar alguma coisa.

O monte fortificado nas margens do Leça chama-se Castello¹. Fica proximo á ponte de Guifões (margem esquerda do rio). Para não andar ás apalpadellas o melhor é ir á ponte e perguntar á moleira onde é o Castello. Ella mostra-lh'o logo com o dedo. Tomando o monte pelo lado do poente, chega a uma pequena bouça plantada de eucalyptos, onde verá já muita carcova e um monumento de tijolo, meio arruinado, não longe da parede que limita a bouça pelo lado do sul. Para subir ao alto, segue o caminho que fica, que corre² a norte da mesma bouça, e verá já alguns restos de construcções e uma calçada que o leva ao alto, onde terá de torcer á esquerda para se internar na corôa da fortaleza. Verá os taludes das muralhas e aqui e alli alguns fragmentos de barro, se houver terreno roçado, porque do contrario o mato é tão alto que pouco poderá vêr. Uma pequena escavação que fiz na corôa do monte, para o lado do poente, mostrou-me que a pouco mais de 1 1/2 palmos estão soterrados alicerces de muitas casas».

7. De 9 de setembro de 1880 (Briteiros)

Novos desanimos — A Citania — Mamunhas dos arredores de Sabroso
Archeologia dos arredores do Porto

«Repetirei o que me dizia o Soromenho: «é escusado esperar applausos que nos satisfaçam dos nossos; a recompensa legitima vem

¹ [Vid. o extracto n.º 2].

² [Ao espirito de Sarmento acudiram os dois pensamentos, — *que fica, que corre*; e, em vez de, como era mais natural, exprimir só um, exprimiu, talvez por lapsos, os dois].

sempre dos estrangeiros». É uma verdade. Isto entre nós está a apodrecer cada vez mais nessa decomposição de vaidadezinhas e invejas que mettem engulho.

Felizmente que pelos montes e á cata das velharias se anda longe d'esta podridão.

A Citania deu-me uma nova inscripção:

ATVRO
VIRIATI.

«É o achado mais notavel. Os outros são muito secundarios.

O que tenho encontrado por aqui são algumas mamunhas, tres d'ellas não longe de Sabroso: Estas ultimas ainda hoje as descobri, e, se, pelo menos como parece, uma d'ellas está intacta—caso raro!—alguma coisa de importante nos ha de contar. Veremos isso ámanhã, se a trovoada, que por aqui tem andado desenfreada, o permittir.

Estou persuadido de que por ahi, pela beira-mar¹, não hão de faltar d'estes curiosos monumentos, mas os demonios, com a acção do tempo, estão tão disfarçados, que é necessario ter um olho muito exercitado para os descobrir. Recommendo-lhe uma barca de pedra que ha perto da «quinta do Bispo», defronte da egreja, e cuja historia me não souberam contar».

8. De 11 de setembro de 1880 (Briteiros)

Pedras de raio no Minho — Instrumentos prehistoricos — Ainda o castello de Guifões — A ponte de Guifões — Perafita — Monte d'ouro — Cabo do Mundo — O campo de Feijô

«A proposito das «pedras de raio» ha de verificar nos seus interrogatorios ao Zé-Povinho do Minho, que para elle pedras de raio nem são os *celts*, nem pontas de lança, mas pedaços de crystal de rocha que terminam sempre em ponta aguda. É pelo menos o que tenho collido pela minha experiencia, e em face mesmo d'estes objectos que tenho encontrado na Citania, em Sabroso, nas mamunhas tanto d'estes sitios como de Ancora. Quanto ás machadinhas, esta gente nem as conhece de tradição.

¹ [Sarmiento diz «ahi pela beira-mar», porque, se bem me lembro, eu então veraneava em Matosinhos].

A maior parte das armas de pedra, mórmente dos nossos sitios, são de silex, mas de silex vulgar (seixo). Em Sabroso ha celts de diorite e até de granito, e n'uma mamunha perto de Sabroso, encontrei ha dias —o que muito estimei— um celt de schisto. Não me parece, pois, que seja porque a pedra fere lume que recebe a denominação de pedra de raio.

Os meus achados em Castello (Guifões) foram fracos. A coisa mais notavel que de lá possuo é metade d'uma machadinha de diorite, ou coisa parecida, que os escavadores da bouça dos eucalyptos tinham desenterrado e atirado para o caminho. Os fragmentos de telha romana e de amphoras provam bem que a influencia dos romanos se fez sentir nessa estação, mas para mim é de fé que a origem da povoação é muito mais velha que a dominação romana. Alguma louça ornamentada, grosseira, que recolhi na pequena escavação que fiz, faz lembrar a de Sabroso. Não encontrei alicerces de casas circulares, mas só quadradas. Hei de, porém, apostar que lá se hão de encontrar. Tambem debalde espreitei os rochedos; não descobri signal nenhum; mas isso não admira, porque o matto estava d'uma altura por ahi além, e muitas lages hão de estar occultas pela terra. *Fossettes* (cavinhas) encontrei eu não poucas no littoral por perto de Boa Nova. A mó de moinho de mão, atafona, que lhe mostrou o moleiro, é tambem como as da Citania e Sabroso. D'isto apparece em todas as ruinas e o dono do monte do Castello tem em casa pelo menos *um pé e uma andadeira* (parte inferior e superior da atafona).

É para mim de fé que a exploração do monte daria curiosidades; mas v. . . vê que com o pinhal que tem, toda a escavação ha de ser acanhada. Eu desanimei ao terceiro dia.

Tambem me causou estranheza a singularidade das guardas da ponte; mas disseram-me, e eu creio, que a ponte nada tinha de antiga, e que as guardas eram vazadas, por causa das cheias.

Quando ahi estive, o nome de *Perafita*, freguezia que não fica muito longe de Leça, obrigou-me a ir lá colher informações sobre um *menhir* que eu sonhava, e de que havia de por força haver ainda tradições. O parochio (Salvador) nada sabia, e remetteu-me para o Cabo do Mundo (*sic*), onde habitava um padre velho d'aquelles sitios. O padre velho tambem nada sabia, mas indicou-me umas campas abertas em rocha, uma muito curiosa, mas ameaçada pelos montantes que já se acercavam d'ella e que talvez a estas horas já a tenham posto em hastilhas. Fica no *Monte d'ouro* (nome que entendo é o mesmo que Monte d'Or, entre o Lima e o Ancora). Perto d'esta campa ha ainda outra partida (para nascente), perto d'uma leira chamada das *Anti-*


nhas. Tudo isto é expressivo. O Cabo do Mundo fica perto do monumento dos 7:500 bravos, e não em Mindello, senão em Pampelido. Os de Pampelido no seu Cabo do Mundo protestam debalde contra a tolice geographica que lhes tira as glorias, traspassando-as para Mindello, que fica muito longe da memoria.

No campo de Feijô ha umas aguas ferreas, e o caseiro disse-me ter encontrado n'uma escavação casas redondas, e que por aquelles campos appareciam ás vezes objectos de metal verde (bronze). Tambem a norte, ou nordeste do Castello, no valle, havia um penedo com um buraco e restos de uma argola, em que d'antes se amarravam os barcos, *porque o mar chegava até alli*. Debalde eu e elle procuramos o penedo. Se tivesse á vista os meus apontamentos, mais lhe poderia dizer; mas ficaram-me em Guimarães».

9. De 17 de outubro de 1880 (Guimarães)

Ceramica lusitano-romana de Guifões e Citania

«Só hoje me pude desembaraçar de occupaões instantes e procurar os meus apontamentos sobre o Castello (*sic*), para melhor poder responder á sua de 21 de setembro. Não encontrei nada que respigar. Disse-lhe o que sabia e, pelos modos, disse tudo. O tijolo, de que me mandou o desenho, é coisa nova para mim, mórmente se é certo, como diz, que os furos não se correspondem. Na Citania são vulgares os tijolos com um furo, mas este furo vasa-os de lado a lado. O furo é perto d'uma das extremidades e no sentido da sua largura. Coisa identica encontrei eu no Castello, com a differença que o furo era no sentido da sua espessura. Os tijolos da Citania são de diferentes dimensões. A fórma é sempre quadrilonga; mas alguns apparecem que, para um dos lados, são um pouco curvos, sendo porém plausivel que esta fórma é devida ao tempo que lhe foi gastando a argilla.

A marca de telha tambem para mim é nova; o que não admira, porque a variedade d'ellas é immensa. Provavelmente é aberta em barro fôsko e grosseiro, como todos os que tenho visto. Faz lembrar a seguinte, vulgar na Citania  ¹.

Se alguns fragmentos de vasilhas que recolheu têm ornamentação, guarde-os bem. Essa especie tem valor. Alguns trouxe eu do Castello, bém poucos, que encontrei nas escavações. Soltos não encontrei nenhum».

¹ [O desenho do tijolo furado (peso) e o do tijolo com a marca sahiram n-*O Arch. Port.*, IV, estampa junta á pag. 272].

10. De 29 de março de 1881 (Guimarães)

Gravuras em dolmens — Superstições agrícolas do Minho

«A respeito das gravuras em dolmens, ainda as não encontrei, mas creio firmemente que as ha de haver entre nós. O Argote falla d'uma construcção que apparecera em Espozende e já em pantana no seu tempo. Segundo lh'a pintam as informações que lhe deram, aquillo só podia ser um dolmen. As paredes por dentro estavam cheias de arabescos — diz elle. Já mandei perguntar por isto em Espozende, mas ninguem sabe de nada. É possível porém que as pedras ainda existam, e por este e outros motivos, logo que possa, vou passar revista áquella localidade e examinar o littoral de Espozende até o rio Neiva, onde me deram já noticias de alguns dolmens.

A proposito dos jugos dos bois¹ ha um facto, que não perde nada em saber, se é que o não sabe já. Os bois nunca trazem jugo senão em serviço. Imagine o meu amigo que um lavrador mandava o seu carro com os competentes bois e creado levar o quer que seja a qualquer sitio. O carro tinha de ficar nesse tal sitio, e os bois de voltar com o jugo. O creado pegará no jugo e tral-o-ha ás costas e não virá sobre o cachão dos bois. Se o creado tal fizesse, o mais provavel era ser despedido. Sabe tambem a importancia que tem a «bosta» de boi. É com ella que se calafetam as fendas da porta do forno. D'antes, quando se pediam brasas de lume a qualquer vizinho, o vizinho punha sobre o testó, em que depositava a brasa, um bocado de bosta de boi que tivesse já servido para barrar a porta do forno — «para que o seu lume se não apagasse» como tinha succedido ao do vizinho».

11. De 22 de agosto de 1881 (Ancora)

Tradições populares da Serra da Estrella

Martins Sarmento fez parte da expedição que a Sociedade de Geographia enviou em 1881 á Serra da Estrella; elle era o presidente da secção de archeologia. Tendo-lhe eu pedido informações á cêrca da ethnographia e lingoagem da Serra, Sarmento escreveu-me a seguinte carta, que, por ser muito interessante, publico na integra:

«Ancora, 22 de agosto de 1881.

Meu amigo. — Em Ancora encontrei dois numeros do *Pantheon*²,

¹ [Relaciona-se com o meu *Ensaio ethnographico a proposito da ornamentação dos jugos e cangas*, etc., que publiquei no Porto em 1881, e dediquei a Sarmento].

² [Refere-se Sarmento a um jornal que publiquei com este titulo no Porto, em companhia de Mont'Alverne de Sequeira].

que agradeço, e hoje mesmo recebi a sua carta, que me procurou pela Serra. Se lá fosse, soffreria de certo o desapontamento que eu soffri. Na Serra propriamente dita não ha antiguidades, nem as póde haver: a montanha é inhabitavel uma parte do anno. A coisa é feia e triste; grandes massas de penedias com alguns *covões* (pequenissimos valles), e *naves* (valles um pouco maiores), onde verdeja o *sevím* (especie de feno miudo), e que contrasta com a esterilidade do mais. Além do *sevím*, algum *zimbros* (junipero) e urze. Nem uma arvore. Sendo a Serra larguissima, os rebanhos só podem subir para o alto, depois do S. João, para não estragarem os... pastos. Já vê que mesmo a abundancia de pastos não é grande. Ha mais pedras que verdura. Quanto as noma-das... não vi. Os pastores habitam nas povoações do sopé da Serra, alguns já na planicie, e, a crêr o nosso guia, quasi todos tem grandes relações com o Alemtejo, aonde vão frequentes vezes. O que elles fazem de melhor é assaltar a gente, pedindo-lhe cigarros. O seu traje nada tem de singular. Por cima das calças de saragoça trazem uns calções de pelles, que chamam safões, e no rigor do frio usam tambem uma capa de pelles de ovelha.

A linguagem não é tambem muito differente da das outras provincias. Para apanhar um *junguido* (por jungido), uma *loiva* (noiva), é preciso conversar algumas horas, sem encontrar novidade.

A lagoa escura tem algumas tradições confusas. Ha lá um palacio, onde se guarda a capa d'um rei, coberta de diamantes. Para fazer a capa foi preciso vender sete cidades. Para se entrar no palacio é preciso fazer atravessar a lagoa a uma cabra preta, e esperar que o sol esteja a pino, para dar n'uma físga, por onde ha a unica entrada. Um tal, depois de recitar as treze palavras («Dize-me, amigo Custodio», etc.) entrou, mas nunca mais sahiu.

Aqui está o que ha de mais fino sobre as lagoas.

A lenga-lenga do nevoeiro varia das conhecidas, menos em ser uma restea de despautérios:

Neboa, nevoeiro,
Vai p'r'atraz d'aquelle oiteiro,
Que lá anda João Cabreiro
Com as calças queimadas.
Quem lh'as queimou foi o fogo.
O fogo anda na mata,
Que a mata deu a cabra,
E a cabra deu o leite,
E o leite é p'r'ás velhas,

E as velhas dão o milho,
E o milho come-o a gallinha,
A gallinha põe ovos,
E os ovos come-os o cura,
E o cura diz a missa
Atraz d'aquella arrabiça.

À lua-nova:

Deus te salve, lua nova,
Que me livres de tres males:
Primeiro de dôr de dentes,
Segundo de fogos ardentes,
Terceiro de linguas de má gente,
E do inferno principalmente.

Conhece-se tambem uma ponte feita pelos Galhardos (diabos). Havia de ser feita antes que o gallo cantasse. Quando cantou o primeiro gallo, a ponte estava ainda incompleta, e um dos Galhardos disse: «Vamos, que já cantou o gallo.—Foi o gallo pardo, objectou outro. Não, foi o gallo preto romano.» A ponte fica entre Teixoso e Caria.

Tradições de mouras e «de haveres» enterrados são raras na Serra, mas pelos arredores não faltam. No Sabugueiro, margem do Alva (nas faldas da Serra, senão ainda na Serra), um rapaz viu sobre um penedo uns figos seccos. Ia a lançar-lhes a mão, quando ouviu uma voz gritar-lhe: Schit! Schit! deixa isso. A voz continuou porém dizendo, que lhe dava os figos, se o rapaz lhe dêsse os safões ou o cão. Mas o rapaz desatou a fugir, tendo tempo de vêr que a coisa que fallava era metade cobra. Sabe-se tambem que, dando-se um beijo na cobra, esta quebra o encanto.

Em Torrosello, já na planicie, ha outras tradições de mouras, e em S. Romão. Todas conhecidas. Em S. Thiago idem. Ahi ouvi sobre a construcção d'essa ponte uma particularidade curiosa: a mãe do diabo, fiando n'uma roca, trazia as pedras á cabeça para a construcção da ponte. Novidade não encontrei nenhuma.

Amuletos nada. É verdade que lidei pouco com os pastores. Na Serra apanhei uma parte d'um celt, que me pareceu pelo brilho do poído ser perdido ha pouco tempo. O meu guia, porém, não conhecia celts, nem pedras de raio. Aqui está á pressa o que póde interessar-lhe. Em torno da Serra ha antiguidades aos montes; mas, havendo estradas de macdam, não ha carros. É preciso andar a cavallo ou a pé, e perder o melhor do dia em caminhos massadores. Hei de tornar lá, mas com

outras commodidades¹. — De v. venerador e obrigado, *F. Martins Sarmento*².

12. De dezembro de 1881 (Guimarães)

O deus Durbedico — Outras antigualhas

«Apresento-lhe um deus, até hoje desconhecido, do Pantheon dos nossos antepassados. É o deus DVRBEDICVS. Este pobre diabo de deus estava dentro da torre da egreja de Ronfe, n'uma pedra que entrava na parede da dita torre, e que felizmente ficou com as letras para fóra. Foi um puro acaso que me fez descobrir a inscripção, que se póde dizer completa³.

N'esse dia tinha eu de ir um pouco mais longe vêr uma exquisita construcção da época romana, que um lavrador descobriu n'um campo seu, e que só será menos mal conhecida, quando se proceder a uma escavação em fórma, — o que só póde fazer-se, quando vier o tempo sêcco.

Indicaram-me mais umas antigualhas. Antigualhas não faltam. O que falta é tempo para as vêr, e pernas para as explorar.

Na Citania tambem as chuvas se encarregaram de pôr a descoberto uma moeda de prata (romana) bem conservada».

13. De 20 de março de 1882 (Guimarães)

Sepultura prehistorica do Marco de Canaveses — O castro do Freixo — Outras antiguidades

«Guimarães — Março, 1882. — Meu amigo. — Cheguei hontem de Canaveses, para onde fui ainda meio constipado, e d'onde voltei na mesma.

A tal sepultura que lá me chamava pouco deus, a não ser o desgosto de a não ter explorado ha quatorze annos. Segundo affirmou o primeiro explorador (um homem que faz telhas) e que veio depôr em juizo, ha quatorze annos, andando elle em busca de terra sêcca para as suas telhas, e vendo-a por baixo do grande penedo, começou a encher e a levar cestos de terra para o telheiro que lhe não ficava longe, e eis senão quando começa a desenterrar ossos e caveiras. As caveiras eram

¹ [Infelizmente, Sarmento não chegou a realizar este desejo].

² [A maior parte dos factos contidos nesta carta foram já por mim publicados em 1881 no artigo intitulado «Tradições populares da Serra da Estrella», in *Justiça Portuguesa*, n.ºs 112 e 115. — Martins Sarmento publicou em 1883 um *Relatório* da secção de archeologia da expedição].

³ [A inscripção foi publicada na integra pelo proprio Sarmento, in *Revista Lusitana*, I, p. 236].

oito, uma muito pequena e muito branca, que se desfez em pó, logo que foi exposta ao ar. Os craneos andavam aos pontapés, e hoje ninguém sabe d'elles. Decidiram os espertos do logar que as ossadas eram de gente assassinada por um estalajadeiro que morava a meia legua do penedo, etc. A ultima exploração pouco deu e pouco podia dar, porque a grande fresta do penedo já não tinha terra quasi nenhuma. Total dos objectos encontrados: dois machados de diorite excellentemente afiados; duas facas de silex; duas pontas de setta idem, uma d'ellas sem ponta; e uma goiva tambem de pedra. Um unico caco muito grosseiro. Que quantidade de armas de pedra não deitariam fóra os lorpas!

Mas velharias não faltam por alli. Quizesse ou pudesse eu demonstrar-me! A um quarto de legua do Marco fica o logar do Freixo no topo d'um monte, que foi uma Citania. Além d'uma inscripção, de que eu já tinha conhecimento, encontrei outra n'uma pequena ara e que me embaçou. Diz:



Na primeira linha falta-lhe só uma letra, decerto um G. Mas atraz de ONCO que diabo de letra se póde pôr? A terceira linha é quasi illegivel¹. Trouxe de lá duas vasilhas inteiras, uma alampada; e, segundo me affirmaram, tem por alli apparecido muitas curiosidades e continuam a apparecer todos os dias. Felizmente tenho certeza que me virá parar á mão tudo o que d'ora ávante se desenterrar. Mais longe ha mais dois ou tres castros, uma inscripção, cuja copia me prometteram, etc., etc.

A pena é não ter a gente botas de sete leguas.

Remetto o terceiro artigo e ultimo. Se acharem que é muito comprido, que o cortem á sua vontade².

¹ [Esta inscripção foi tambem publicada na integra por elle in *Rev. Lusit.*, 1, p. 237. Cfr. *C. I. L.*, II, 5564].

² [Este artigo era destinado á *Revista Scientifica* do Porto. Vid. tambem o extracto n.º 14].

14. De 24 de março de 1882 (Guimarães)

These defendida por Martins Sarmiento, segundo a qual os Celtas são de raça germanica
O *Genius* do Freixo — Penedos dos casamentos

«Então eu disse-lhe que a parte do artigo que mandei para a *Revista Scientifica* era a ultima? Se disse, é que me ficou no tinteiro alguma coisa. O que eu tinha na mente é que, além do que foi, havia de mandar uma quarta e *ultima*. Mas parece-me que tambem isto não se verificará; porque, andando a passar a limpo o resto do artigo, desconfio muito que elle ainda não póde ir d'uma só vez. E no emtanto eu tenho-o encolhido o que posso. A ultima parte necessitava de maior desenvolvimento, porque é de saber eu resuscito a these que se diz desacreditada e que estabelece que os celtas são de raça germanica. Para mim isto é um pónto de fé.

Deixemos os celtas em paz.

O *genio* do Freixo é mais esdruxulo do que suppõe. A segunda linha é bastante clara para não admittir um genitivo, uma ligação com a terceira. O gravador parece mesmo que quiz prevenir esta objecção; começou o primeiro e o segundo nome na aresta esquerda (do espectador), de sorte que, como os dois nomes são curtos, entre a ultima letra de cada um d'elles e a aresta direita da ara fica um espaço em vão onde podiam caber quatro letras á vontade. Conto apanhar a pedra e photographal-a.

Ámanhã mando-lhe os numeros do *Pero Gallego*, que fallam do Suajo. Vem lá duas costumeiras, de que lhe fallei já, creio eu. Uma é um Penedo dos casamentos. No Marco, encontrei noticia d'outro. Fica na freguezia de Soalhães e chama-se Penedo «Cardil». Ha aqui uma novidade, que talvez contenha a farinha pura da tradição. Eu sempre embirrei com a facilidade que ha de atirar com uma pedra acima d'um penedo. O oraculo deve sempre responder affirmativamente. No «Cardil» a coisa é mais difficil; a pedra ha de ser atirada com o pé¹.

15. De 22 de junho de 1882 (Briteiros)

Ainda o *Genius* da inscripção do Freixo

«Apanhei a ara da inscripção do Freixo. Não diz como eu li da primeira vez gENIO | ONCO. Diz, se me não engano, porque algu-

¹ [Cfr. as minhas *Tradições populares de Portugal*, § 200, onde tambem faço uma referencia a Sarmiento].

mas letras estão bastante safadas: gENIO | ONCOBRI | CENSIVM. A inscripção contém alguma coisa mais; mas o que é que se não pôde perceber. É possível que antes do O da segunda linha houvesse uma outra letra; mas ha aqui com certeza um ethnico: (*oncobriga*. . . -ica) *oncobricenses*. A maior duvida está na ligadura B7, e talvez no final VI. Mas penso que a leitura que dou é correcta. Mandeí uma photographia da ara ao Hübner; mas, se mesmo em face do original, a leitura é só para olhos de lynce, pouco espero do exame d'uma photographia».

16. Sem data: verão de 1882 (Briteiros)

Mamôas do Minho — Antiguidades da Citania: fibula de bronze; aqueducto

«Por aqui a fortuna na pesca de trutas e de antiguidades regula: pouca coisa. Umas seis mamôas que fui estripar lá para Pedralva não deram nada. Um padre que m'as descobriu, foi-me mostrar mais sete, a menos de meia legua do Bom Jesus do Monte; mas estão todas arruinadas e saqueadas.

A Citania tem dado alguns objectos de bronze, mas só uma fibula de bronze que apresente novidade. A descoberta mais importante é a da continuação d'um aqueducto, que foi posto a descoberto o anno passado, suppondo-se que findaria onde parou a escavação. Nada. Vê-se agora que segue n'uma extensão consideravel. Encontrou-se o deposito, aonde ia parar a agua, coisa muito tosca, mas que tem de notavel ter ainda hoje representantes, e tanto em Briteiros, como em outros pontos, com o nome de Fontes. Enchido o deposito, a agua continuava a correr e vamos ainda atraz de novo aqueducto, que ninguem sabe ainda aonde irá parar. O aqueducto consiste em caleiras de pedra soffrivelmente bem trabalhadas. Infelizmente foi impossivel dar com o sitio da antiga nascente de agua».

17. De 4 de maio de 1883 (Guimarães)

Citania — Cividade — Cidadelhe

«Folgaria particularmente que chegasse á descoberta da etymologia da *Citania*. Os nossos auctores escrevem sempre *Citania*; o povo, pelo menos em Briteiros, diz *Citaina*. . . .¹. As Citanias que eu conheço entre nós, *de visu*, são: a de Briteiros, a de Paços de Ferreira (a tal com S) e da Sáia, e por tradição certa, a de Baião. A de Galliza é em S. Torquato não sei de quê. Falla nella o Bermudez, que não tenho

¹ [D'esta etymologia me occupei, por exemplo, in *Revista Lusitana*, III, p. 34].

agora á mão. Só um escriptor latino, que eu saiba, V. Maximo, falla d'uma *Cimminia* (com variantes, parece) na Lusitania, mas a applicação d'este nome á Citania é uma pura arbitrariedade.

Cividades conheço talvez uma duzia. A mais notavel que tenho visto é a de Ancora (mesmo typo que a Citania). Perto de Caminha ha uma bouça, cheia de cacos e outras velharias, com o mesmo nome; e em Joanne (concelho de Guimarães) um logarejo ainda com o mesmo nome.

Cidadelhes não conheço nenhuma, a não ser por informação; mas, pelo que tenho ouvido, a differença entre os castros, citanias e cidadelhes materialmente é nenhuma ¹.

18. De 16 de agosto de 1883 (Povoa)

Cividades e castros — Outras antigualhas

«No raio de legua e meia tenho farejado tudo o que me pareceu digno de ser farejado. Em Tarroso ha uma cidade; mas os vestigios de povoação antiga foram-se. A povoação primitiva desceu, como de costume, para uma das vertentes do monte, onde a cada passo se encontram fragmentos de telha romana; mas, como a agricultura tomou conta d'estes terrenos, imagine o que será isto.

Ha outra cidade em Bagunte e que tenciono ir vêr um d'estes dias. Dizem-me que ahi ha vestigios mais bem conservados que na de Tarroso.

Ha tambem dois castros — um em Nabaes que já vi — um outeiro pequeno com vestigios que prestem, e ao pé a «Fonte do Castro», notavel por ser de abobada e, segundo creio, muito antiga. O outro castro é em direcção opposta, para os lados do Mindello. Ainda o não vi.

Ninguem me dá noticia de mamôas. Penedos com *fossettes* tenho encontrado alguns. Ás leguas que tenho andado merecia ter feito melhores descobertas; mas póde ser que as faça ainda».

19. De 19 de Setembro de 1883 (Povoa)

Sepulturas abertas em rocha — Castros — Mamôas — Etymologia popular — Ditado
Antigualhas diversas

«Para mim as sepulturas em rocha já pertencem ao periodo post-romano, ou pelo menos no periodo de transição para o christianismo; para o Philippe Simões ellas são pre-romanas.

¹ [Cfr. sobre o assunto *Rev. de Guimarães*, I, p. 177].

Eu tambem por aqui não tenho sido infeliz. Vi o monte de S. Felix (Laúndos—Lá úm dos (d'Amorim), na etymologia popular) do typo da Citania, com cinco mamóinhas em volta, todas estripadas, é claro; —a Cividade de Tarroso, a de Bagunte, ambas da raça da de Laundos; o *Crasto* de Santo Ovidio, em Vairão; o *Crasto* de Macieira da Maia; o *Crasto* da Retorta (freguezia do mesmo nome); o *Crasto* de Santo Agões (*sic*), onde ha «doze moradores e treze ladrões», sendo o treze o parcho¹; duas formidaveis mamôas, que de certo cobriram antas em Tongues; outra ainda maior no Fulão (freguezia de S. Simão da Junqueira), e ao pé outra mais pequena; e ainda tenho mais alguma coisa a vêr, se a chuva se dignar deixar-nos. As «pedras de raio» tambem por cá não são raras. Já apanhei seis, uma d'um bello typo e uma goiva de pedra. Ando com esperanças de vêr, pelo menos, umas pontas de setta e uma «pedra exquisita», achadas n'essa mamôa de Tongues, e com maior esperança ainda de explorar uma mamóinha virgem proximo de Cavalleiros. Felizmente não tenho de ficar por tabernas²; mas as distancias são grandes e excellentes para estafarem as pernas, e para vêr o que tenho visto tem sido necessario fazer eu mesmo o interrogatorio pelas aldeias que percorro, porque nem os ciceronios d'aqui, nem os de Villa do Conde sabem do que tem nos seus concelhos».

20. De 8 de outubro de 1883 (Guimarães)

Esculturas antigas de Baião

«Guimarães, 8 de outubro de 1883.—Meu amigo.—Julguei que o encontrava aqui na minha volta da Povia; mas, como se vê, descontramó-nos. Estimava bem ouvil-o sobre a sua digressão; mas, já que não pôde ser, mande-me dizer, quando estiver para isso, que nomes tem as localidades de Baião, onde achou a estatua gallega ou lusitana e o quadrupede ambiguo.

Para a primavera que vem tenho tenção de ir dar uma volta por Baião com um apparelho photographico que me permite trazer a cópia fiel dos dois mônos e de outros que por lá haja. Agora vou vêr se assento e se dou cabo d'um estudo ácerca dos *Argonautas*, com que ando ha muito e que vae ficando para as kalendas gregas.—Seu amigo e obrigado, *F Martins Sarmento*».

¹ [Cfr. tradições analogas in *Revista Lusitana*, iv, p. 187].

² [Ha aqui uma allusão a uma carta minha em que eu lhe dizia que, numa excursão que tinha feito em Trás-os-Montes, eu dormira uma noite numa taberna, por falta de hospedaria].

21. De 15 de outubro de 1883 (Guimarães)

Ainda as esculpturas de Baião

«Agradeço as novas noticias sobre as velharias de Baião. Como lá tenho o Eduardo, primo, com a vara de juiz na mão, vou vêr se elle me arranja os dois monstrosinhos».

22. De 8 de dezembro de 1883 (Guimarães)

Novamente as esculpturas de Baião

«Ha uns poucos de dias que ando para escrever-lhe, dando-lhe parte de que já tenho em casa os dois mostrengos de Baião. Incumbi de m'os arranjar o juiz da terra, que é o Eduardo Martins, meu primo, e a coisa fez-se n'um sópro. Pena é que não possa descobrir-se a parte superior da estatua, porque, salvo o erro, ella é mais importante do que parece. Já no seu desenho o que parecia fibula e ponta de cordão de crina, era para mim coisa suspeita. Com o exame do original, o que me pareceu bastante claro é que a *ponta do cordão* é a extremidade do quér que seja e que em lugar da fibula acima da tal ponta ha uma mão que segurava o tal quér que seja. Como a extremidade da coisa tem a fôrma d'um corno, pensei logo que a figura segurava com a mão esquerda uma cornucopia. A verdade sabe-a a terra, onde a outra metade da estatua deve estar enterrada. Hei de fazer o possível por que ella appareça, mas as esperanças de a encontrar não são grandes».

*

Sarmento ia-me assim contando successivamente os seus prazeres archeologicos: noticias que lhe vinham, passeios que daya, descobrimentos que fazia. Como fruto eloquente de todo o seu afan, ahí estão os numerosos artigos e memorias que trouxe a lume, a restituição da Citania e de Sabroso, e o rico e valioso Museu de Guimarães, que, com a collaboração de dedicados amigos e conterraneos, teve a gloria de organizar.

Oxalá que o exemplo que elle legou aos Vimaraneses lhes esteja, como é de esperar, sempre presente, e que a seára que o infatigavel archeologo semeou, não só não fique perdida, mas, pelo contrario, se melhore e aumente de dia para dia!

Lisboa, 14 de dezembro de 1899.

J. L. DE V.

(Da *Revista de Guimarães*, numero especial «F. M. Sarmento», Porto, 1900).